

PREZADOS LEITORES,

E então é Natal..... Em meio às rabanadas e outras guloseimas, tento me ater a escrever o Editorial deste número. Confesso que entre tantos acontecimentos negativos em nosso País e em nosso Estado, que nem as canções Natalinas ricas em bons augúrios me animam.

Já havíamos sinalizado na Edição anterior que as coisas iam mal das pernas, e nesta lamentamos informar que nem pernas mais temos. Se nos concentrarmos apenas na Saúde e Educação (outras áreas também estão muito ruins), vemos que em nosso Estado a casa caiu. A prisão de dois de nossos ex Governadores, o que por si só gera uma tremenda instabilidade, por um lado, mas que por outro, demonstra que pode sim haver uma luz no fim do túnel da roubalheira institucionalizada (vamos torcer não só pela prisão, julgamento e condenação de todos aqueles que ajudaram a deixar o Estado nestas condições, mas a devolução do erário que hoje faz falta aos cofres públicos).

Aliás, a questão do “Público”, é complicada para o Brasileiro, quer nas instituições quer nos locais. Às vezes realmente creio na máxima que se é “público, não é de ninguém e por isso podemos fazer o que quisermos”, isso dói. O certo seria considerar o Público como de um bem de todos e que por isso mesmo, todos deveriam dele cuidar, para que todos pudessem usufruir. Não fomos educados a cuidar do bem comum, portanto não temos isso em nossa cultura, embora admiremos isso em outros povos. Neste caso, essa “invejinha” poderia ser assimilada.

A dor ainda é maior, quando vemos o reflexo disso na população, quer por não ter atendimento médico básico, quer por ver escolas e universidades ocupadas, sujas, depredadas, numa extensão do desrespeito ao profissional Professor, sem dúvida, muitas reivindicações são justas, porém a forma de pleito não parece ser a melhor.

Dói, ver um pouco da “minha estória”, como estudante e como funcionária, sendo varrida como lixo (o mesmo acumulado em diversos pontos do nosso prédio). Dói depois como aposentada, não ter o direito adquirido de receber meus proventos, dói saber de colegas na mesma situação, em pior condição, e outros não conhecidos diretamente, mas divulgados pela mídia (por sensacionalismo ou não?!), em quase miséria, tendo que receber cestas básicas e outras doações, é humilhante.

Dói saber que entre delações, prisões e arranjos políticos, pouca coisa se salva, e que mesmo assim, poucos daqueles que poderiam por ordem na casa, pouco ou nada fazem efetivamente, perpetuando uma situação de abandono, inércia e desestímulo ao Serviço Público. Aliás, já me perguntei várias vezes, não somos todos nós, com cargos políticos ou não, Servidores Públicos? Por

que o estabelecimento de “Castas”, onde alguns votam os seus próprios salários e mordomias, enquanto não se incomodam que outros não recebam proventos básicos? Ou pior, decidem quem recebe, quanto recebem ou quando recebem.

A Reforma da Previdência, que irá incidir em todos os trabalhadores, tem uma das vozes mais ativas, na professora do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Denise Gentil. Em sua tese de doutorado, intitulada [“A falsa crise da Seguridade Social no Brasil: uma análise financeira do período 1990 – 2005”](#), ela já desconstruía um dos alicerces da defesa da necessidade de se alterar a Previdência Social: o mito do déficit (<http://previdenciabrasil.info/2016/12/20/desmonte-previdencia-entrevista-denise-gentil-1/>).

Que estímulo daremos aos jovens em idade de inserir-se no mercado de trabalho?

Outra questão, é o reconhecimento de que a pobreza, a deterioração do meio ambiente e o crescimento populacional estão interligados, e que necessitam de olhar integrado na busca de alternativas interligadas. A observação da realidade, nos mostra que são mais pobres aqueles que não possuem ocupação ou renda, que tem mais filhos e, portanto, exigem maior amparo da Sociedade. Com isso, crescimento populacional, pobreza e estruturação social caminham juntos no agravamento da situação ambiental. Não basta culpar o aquecimento global, “El Niño ou La Niña”, temos que nos preparar para um futuro de condições diferentes e mais complexas, que envolvem temperaturas diferenciadas, fenômenos climáticos mais intensos, áreas geográficas e populações atingidas, quer pela fome, seca (a região nordeste, maior destino turístico no Brasil, tem locais onde a seca está entrando em seu sexto ano consecutivo) ou ainda diversos tipos de doenças, algumas já conhecidas e outras ainda não.

Lamentamos informar a todos os nossos autores que a partir deste número, a UERJ não irá mais subsidiar os custos de emissão de DOI para os artigos. Iremos submeter os artigos ao software anti-plágio (iThenticate) e, portanto, haverá o repasse destes custos (DOI e software) aos autores (em dólar), o custo será em torno de R\$ 15,00 por artigo (quinze reais), e em email posterior daremos as instruções de pagamento. Antes, a UERJ pagava os DOI e nossa Revista utilizava software anti-plágio gratuito, este novo procedimento trará aos artigos um “selo de controle de qualidade”, que irá contribuir para melhorarmos cada vez mais os artigos divulgados em nossa Revista, inclusive no exterior, além de pontuar para indexação, principalmente no Qualis CAPES. Esperamos a compreensão dos autores frente a mais esta dificuldade. A propósito, verifiquem em nossa página inicial que já estamos inseridos em novos indexadores, alguns internacionais, e nossa meta é ampliar ainda mais estes indexadores, na busca de uma classificação cada vez melhor, o que será refletida em nossos currículos.

Com tudo isso, a crise fez de 2016 um ano dolorido, sofrido e 2017 não será muito diferente,

pois ainda sofrerá o reflexo do ano que se vai. Otimistas dizem que apenas depois das eleições de 2018, o País poderá ter alguma condição de melhora, outros mais realistas, dizem que o reflexo poderá ser sentido por muito mais tempo.

Bom, mas chega de coisas tristes, a nossa Edição está rica em informações e bem diversificada e creio irá atender aos vários segmentos interdisciplinares e multidisciplinares dos nossos leitores e autores.

Temos os artigos: **HISTORICIDADE E OLHARES SOBRE O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA: UMA NOVA PERCEPÇÃO; PESQUISA-AÇÃO EM UMA ESCOLA SÓCIO-CONSTRUTIVISTA: AS RELAÇÕES HUMANO-NATUREZA NO ENSINO DE CIÊNCIAS; A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DO EFEITO FOTOELÉTRICO EM MATERIAIS DIDÁTICOS NO ENSINO SUPERIOR; DE MÃOS LIMPAS COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS; CONTRACEPÇÃO DE EMERGÊNCIA E UNIVERSITÁRIAS DA ÁREA DA SAÚDE; CONSTRUÇÃO COLETIVA NO CURRÍCULO DE FORMAÇÃO DO PROGRAMA COMPARTILHADO DE RESIDÊNCIA EM MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE DA UFRJ E DA FIOCRUZ;**

Este foi um ano em que abrimos duas novas colunas de artigos. A primeira, **ENSAIOS**, teve sua estreia na edição passada. Nesta edição apresentamos a segunda nova coluna, **COMPORTAMENTO E AMBIENTE**, e o nosso primeiro artigo é: **TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL (TCC): HABILIDADES SOCIAIS, POSSIBILIDADES TERAPÊUTICAS PARA PACIENTES COM PARKINSON NA CLÍNICA ESCOLA FÍSIOIGUAÇU**; em **ENSAIOS**, seguimos com dois artigos: **DÉFICITS AMBIENTAIS HÍDRICOS NA ORLA NORTE DE PORTO SEGURO-BAHIA e FALANDO SOBRE SUPERDOTAÇÃO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.**

Além disso temos o **OLHAR PROFISSIONAL** do Prof. Antonio Carlos de Freitas, que nos fala sobre fotografia científica e as colunas **NAS PRATELEIRAS** com vários livros, inclusive para download e **LINKS ÚTEIS E NOTÍCIAS**, atualizados.

Para o próximo número esperamos contar com mais mudanças, inclusive no layout de nossa capa, de modo a oferecer sempre uma Revista atual, com uma leitura agradável e informativa a todos.

Esperamos que leiam e apreciem o número da Revista **SUSTINERE** de dezembro de 2016.

Thereza Camello

Editor Chefe - **SUSTINERE**